

CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE NO BRASIL

Dr. Airton Spies¹

O cenário para demanda mundial de produtos lácteos nos próximos anos aponta para um crescimento significativo, principalmente nos países mais populosos da Ásia e África, que estão em franco e acelerado crescimento econômico, como a China e a Índia. A produção mundial de leite em 2019 foi 867 bilhões de quilos, para uma população de 7,5 bilhões de habitantes, o que dá uma disponibilidade de 117 kg por habitante/ano. A Organização Mundial da Saúde recomenda que o consumo seja de no mínimo 200 litros por pessoa por ano. Como conclusão, temos que a disponibilidade atual é de 58% do total recomendado, deixando claro que, na medida em que a renda per capita das populações mais pobres vai aumentando, também deveremos ter um incremento no consumo de lácteos acima do índice de crescimento da população mundial, a qual deverá atingir 9,5 bilhões de habitantes em 2050.

O Brasil produziu em 2019, 34 bilhões de litros de leite. A produção de leite é uma atividade pecuária que ainda é muito heterogênea e convive com muitos atrasos tecnológicos, ineficiências e falta de competitividade, apesar de ter crescido cerca de 4% ao ano nas últimas duas décadas. Esse setor criou milhares de empregos no campo e nas cidades, por ser uma atividade que apresenta grande demanda de mão de obra. Segundo o censo agropecuário do IBGE, são mais 1,17 milhões de famílias, em sua maioria agricultores familiares que produzem leite no Brasil. Destes, cerca de 663 mil têm na venda regular de leite para as indústrias a sua principal fonte de renda. Somam-se a eles milhares de empregos diretos e indiretos na cadeia, tanto no aporte de insumos, máquinas, equipamentos e serviços aos produtores, como também no transporte, industrialização e distribuição dos produtos lácteos. O setor ainda está focado no mercado interno, pois o consumo de 170 litros por habitante/ano absorve toda a produção do país. As exportações de lácteos representam apenas em torno de 1% da produção nacional, e o abastecimento interno ainda é suplementado com importações médias de 3% do total consumido.

Nos três estados da região Sul do Brasil a produção de leite já está passando por uma verdadeira revolução. Juntos, os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina produziram 12 bilhões de litros de leite em 2018 e já são, respectivamente, o segundo, terceiro e quarto maiores produtores nacionais, representando 35% da produção nacional. São expressivos os resultados positivos já alcançados pelo setor durante os primeiros cinco anos de atuação da Aliança Láctea Sul Brasileira, em termos de melhoria da qualidade, eficiência e competitividade. Desde 2003, a produção cresceu mais de 120% e por esse ritmo, estimamos que em 2025, a região Sul poderá ser responsável por 50% do total de leite produzido no país, mesmo tendo apenas 15% da população nacional. Por isso, um grande desafio para o leite da região Sul será o de alcançar o mercado, pois a região é superavitária em produtos lácteos.

¹ Doutor em Economia dos Recursos Naturais, Engenheiro Agrônomo e Administrador, Sócio Proprietário da **SPIESAGRO Palestras e Consultoria**. Florianópolis SC. airtonspiesphd@gmail.com

Minas Gerais constitui a principal bacia leiteira do Brasil, com produção de 9,2 bilhões de litros no ano de 2019, sendo responsável por 26,7% da produção nacional. Segundo a Emater-MG, a agricultura familiar responde por aproximadamente 7 bilhões de litros equivalente a 75% da produção no estado. Da mesma forma, no setor de processamento de leite, Minas Gerais conta com mais de 8 mil agroindústrias familiares que produzem queijos artesanais, mozzarella, ricota e queijo minas frescal, além de requeijão, manteiga e doce de leite. Esses pequenos produtores têm limitações de capital para adotar todas as novas tecnologias que estão disponíveis para o setor no curto prazo, e terão que se organizar para criar economias de escala. O clima, com frequentes estiagens e veranicos, tem sido um outro complicador e um desestímulo aos avanços tecnológicos, pela própria aversão ao risco de investimentos que implicam em endividamento elevado.

Na início dos anos 2000, Minas Gerais tinha 180 cooperativas de leite e em um pouco mais de uma década, cerca de 100 delas desapareceram, restando em torno de 80. Muitas dessas cooperativas estão enfrentando dificuldades, por terem escala muito pequena e dificuldades de viabilizar seus negócios, em competição direta com outras cooperativas e laticínios de grande porte da região. A estratégia de intercooperação tem sido apontada como alternativa para as cooperativas conseguirem conectar o pequeno produtor de leite às cadeias agroindustriais e ao mercado.

A cadeia produtiva do leite, tanto na região de atuação das Cooperativas filiadas à Fecoagro Leite Minas, como em todo o Brasil, enfrenta grandes desafios, mas também está diante de grandes oportunidades. O setor vive um momento histórico, pois está atingindo um volume de produção muito próximo da autossuficiência do mercado interno, e para continuar a crescer e enfrentar a concorrência da importação de lácteos, o setor terá que se preparar e ser competitivo para exportar. A *Era* do aumento da produção para substituir importações está chegando ao fim no Brasil.

Para conquistar mercados de forma competitiva, é necessário produzir leite de alta qualidade, a custo baixo e com uma organização logística eficiente capaz de atender os consumidores onde quer que estejam no mercado interno e externo. Além disso, o leite brasileiro, desde 30 de maio de 2019, precisa cumprir novos padrões de qualidade estabelecidos nas Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, e isto também impõe novos desafios. É imprescindível profissionalizar todos os agentes da cadeia produtiva, desde os fornecedores de insumos e serviços, os produtores de leite, os transportadores e as indústrias.

Conectar o leite brasileiro com o mercado internacional é possível. Já estão surgindo oportunidades, como anúncio recente da abertura da exportações para a China e Egito, o que evidencia o grande potencial de crescimento que o setor ainda tem. Trata-se de uma notícia muito positiva para o setor, uma vez que a China é o maior importador de leite e derivados do mundo. Só de leite em pó, este gigante de 1,45 bilhões de habitantes importa 800 mil toneladas por ano, principalmente da Nova Zelândia, União Europeia e Estados Unidos. Foram habilitadas para exportar para a

China 24 fábricas de diversos estados brasileiros, para leite em pó, queijos, manteiga, leite condensado e outros derivados do leite.

A produção de leite no Brasil ainda é muito pulverizada em pequenas propriedades, o clima é quente e a infraestrutura para resfriamento e transporte do leite até as indústrias em geral é precária. A solução de gargalos como a transferência de tecnologia, a assistência técnica, qualificação profissional, melhoria da sanidade dos rebanhos, melhoria da qualidade do leite, e da organização para a competitividade dos laticínios é tarefa urgente. A média brasileira em torno de 2.069 litros por vaca por ano é muito baixa, o setor ainda é muito desnivelado, pois na região Sul essa média anual por vaca é de 3.437 litros, ou 66% superior. Temos produtores com desempenho excelente, enquanto a maioria ainda tem muito dever de casa por fazer para ser competitivo com os padrões dos melhores do mundo. Por isso os ganhos marginais a incorporar são elásticos e o setor vai mudar muito para melhor nos próximos anos. Os produtores que não forem capazes de adotar as novas tecnologias tendem a ser excluídos, porém isto não será nenhuma tragédia pois o número total de empregos e o oportunidades de renda gerados pelo setor vai aumentar na medida em que o Brasil for capaz de produzir e vender mais leite para o mundo.

Para se adaptar e construir um cenário melhor, o setor lácteo brasileiro está passando por grandes ajustes e as ações estão trazendo significativos ganhos de competitividade. Melhorias em todos os aspectos estão acontecendo rapidamente. Através da assistência técnica, os produtores de leite estão se profissionalizando, aplicando modernos princípios agrônômicos para produzir mais pastagens e biomassa de boa qualidade, que forma a base da alimentação dos rebanhos de gado leiteiro. Também com as melhorias zootécnicas e com a genética mais aprimorada, a produtividade está aumentando, tanto por vaca como por área. Os sistemas de manejo, ordenha e conservação do leite já estão sendo aprimorados, resultando em leite de custo menor e de melhor qualidade.

Produtores e indústrias de laticínios estão fazendo um grande esforço para operar dentro de diretrizes formais e normas vigentes, com suas características próprias, para atender os parâmetros de qualidade como Contagem de Placas Formadoras de Bactérias (CBT), Contagem de Células Somáticas (CCS), teor de sólidos, temperatura de resfriamento, ausência de zoonoses como brucelose e tuberculose, dentre outros previstos na legislação. Santa Catarina já possui o Certificado da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como Área Livre de Febre Aftosa desde 2007, enquanto outros estados como Paraná, Rio Grande do Sul, Acre e Rondônia têm condições de conquistar esse status em maio de 2021, caso prossigam com a estratégia de retirada da vacinação proposta, assim como os demais estados brasileiros estão previstos para 2023. Com a excelência sanitária, o leite brasileiro também terá acesso aos mercados premium do mundo, os quais fazem essa exigência.

Os caminhos e as principais mudanças que deverão ocorrer no leite brasileiro são:

1. Os produtores deverão tratar pasto como lavoura, para aumentar a quantidade, a qualidade e a regularidade da produção de alimentos para os

- animais, com melhoramento genético das pastagens, uso de pastoreio rotativo, irrigação, produção de silagens, fenos e pré-secados de alto valor nutritivo.
2. Melhoramento genético do rebanho, com especialização para raças leiteiras de alta conversão alimentar em sólidos de leite, explorando inclusive o vigor híbrido.
 3. Aumento do teor de sólidos do leite, pois não vamos exportar água, o leite deve ser visto como uma matéria prima industrial (a Nova Zelândia produz leite com 31% a mais sólidos, portanto, rendimento industrial que o leite brasileiro).
 4. Melhoria na qualidade do leite, reduzindo a CBT e a CCS, melhorando higiene e refrigeração do leite com sistemas de troca de calor eficientes e baratos.
 5. Saneamento da brucelose, tuberculose aos níveis estabelecidos e tornar o país livre de febre aftosa sem vacinação com certificação pela OIE, em total conformidade com as regras de sanidade animal.
 6. Aumento da escala de produção com segmentação das fases (cria de novilhas, vacas secas, vacas em ordenha), com produção de alimentação adicional fora da propriedade.
 7. Melhorar os equipamentos de manejo e ordenha, para aumentar o número de vacas por equivalente homem. Na Nova Zelândia são 145 vacas em ordenha por Eq/H, e no Brasil a média não passa de 20).
 8. A organização setorial deve levar a rotas eficientes de coleta do leite, parcerias entre produtores e infraestrutura, com estradas para caminhões maiores e energia elétrica trifásica.
 9. Estímulo ao surgimento de uma indústria de serviços no meio rural, para terceirização de atividades *ad hoc* e organização do sistema de produção para permitir folgas e férias aos produtores de leite, o que é essencial para atrair os jovens a serem os sucessores de seus pais na atividade.
 10. Investir em pesquisa e assistência técnica especializada, com enfoque na gestão do negócio da propriedade rural.
 11. Aproveitar ao máximo os resíduos da produção intensiva de suínos e aves e dos próprios bovinos, como fertilizantes para produzir mais forragens a custo baixo.
 12. Eliminar assimetrias tributárias entre estados e países.

Conclui-se que o setor lácteo brasileiro tem muitos "bons problemas", pois estes podem ser resolvidos com investimentos, tecnologia, organização e trabalho. Por isso o setor está muito otimista e acredita que o leite é um sério candidato a ser, em dez anos, mais uma "estrela" do agronegócio brasileiro, assim como já o são, a produção de frangos e de suínos. Afinal, a vaca é um animal ruminante que converte biomassa barata em produtos lácteos de grande valor. No Brasil temos sol ano inteiro, mais chuva e podemos aproveitar muito bem essa capacidade de fotossíntese e produzir mais forrageiras por hectare do que a Europa, EUA e Nova Zelândia. O leite brasileiro está passando por grandes transformações e a luz no fim do túnel começou a aparecer, como um prenúncio de um futuro de excelentes resultados para todos.

“Eu não me considero um produtor de LEITE, sou um produtor de PASTO e vendo meu pasto através das vacas” (Produtor leite da Nova Zelândia em entrevista a Airton Spies, 1995).